

O ULTIMO AMANHECER

"Ondas passadas, levai-me
Para o olvido do mar!
Ao que não serei legai-me,
Que cerquei como um andaime,
A casa por fabricar".

F. Pessoa

“Merda!” exclamou o homem enquanto ia correndo dum lado ao outro da casa mal iluminada pelo ardor duma dúzia de velas acesas. Havia soturnas de sujidade no chão, pareciam sebos fazendo da morada uma lixeira escura, uma casa abandonada. O homem ia fechando nervosamente portas, janelas, guarda-roupas, gavetas, tudo aquilo que se pode fechar. A respiração do homem ouvia-se por toda a casa, inclusive no segundo andar onde estavam os quartos dos meninos, porém ele nunca teve nenhum. As camas, o mobiliário do salão, os sofás, as cadeiras, tudo estava coberto de pó e não se distinguia nada preciso na escuridão, só as formas das coisas, perto da parede uma televisão com o ecrã partido, e debaixo, os mil pedaços que algum dia o constituíram; na cozinha as facas, os garfos, a louça inteira descansava nos armários, talvez nunca mais iriam servir de novo. Anos atrás ele mesmo construiu a casa que sempre sonhou, “uma grande casa ao pé duma praia magnífica, dessas que têm a areia fina e sedosa que se desliza docemente entre os dedos dos pés”.

De repente, o homem parou de debater-se como um cão, a correr como um louco pela casa, e saiu pela porta que dava ao mar. Então, olhando a paisagem, pensou na sua vida: uma praia de dia, uma praia de noite, as ondas tumultuosas ou calmas, e o céu com pontos brancos enfeitando-o como flores numa toalha de mesa, como as pequenas estrelas que agora dançavam na sua imaginação, por fim despreendida das miragens de cimento das monstruosas cidades do mundo.

Sentou-se para descansar, e suspirou quatro, cinco, dez vezes olhando para o céu, o intangível céu de todas as tribulações. Apanhou um cigarro, o último que tinha. “O último que tenho”, pensou, “O ULTIMOOOOOOO!”, gritou com toda a força que encontrou no seu corpo idoso, na sua garganta, no seu gigantesco desespero, e nada, salvo o suave rumor das ondas e a brisa quente, lhe respondeu.

“Já se aproxima o amanhecer”, disse em voz baixa, mantendo o seu olhar fixo no horizonte, onde podia vislumbrar-se uma finíssima linha clara cobrindo a superfície do mar. O seu rosto sujo e cheio de suor tinha cicatrizes, provavelmente dalgum último barbeado, mas já os pelinhos da barba saiam das bochechas, cinzentos, quase brancos, e as rugas de tantos anos lutando

por impor-se na sociedade enfeitavam todo o conjunto. Enquanto o cigarro se consumia, o homem fechou os olhos, como se recuasse ao interior de si mesmo para ouvir a voz da razão, mas nesse desesperado momento, só ouvia uma cacofonia suplicando-o de encontrar uma última saída, uma salvadora determinação. Não ouvia a brisa bater contra as rochas, nem as ondas contra a areia para logo renascer numa magia eterna; nem ouvia o canto dum passarinho voando distante para o futuro, não ouvia o silêncio nem o deixava invadir o seu pensamento.

Pensou no que ia fazer agora que tudo acabou, agora que todos fugiram da guerra, e as palavras, sentencias, verbos, maldições empurravam-se na sua testa, não conseguia calar as vozes da angústia, não conseguia aceitar perder.

Caminhou até o mar, com o cigarro na mão, deixando os seus pés molhar-se nas águas salgadas da imensidade, e começou a lembrar-se, devagar, das coisas que ficaram longe no passado, que nunca voltaram, e que não voltarão nunca mais, o primeiro pranto, a mãe e os seus beijos, as vacas mugindo do outro lado da estrada, o balanço no parque, o sorriso do pai, a infância luminosa e febril onde brilhava a inocência da bondade dum mundo por descobrir, e as lágrimas voltaram de onde viram caindo no mar.

O homem levou o cigarro à boca e lembrou-se do primeiro que fumou na sua vida, a tosse e os risos amigos, as viagens de maconha, a despreocupação que constitui o encanto da juventude. Logo os anos difíceis, as mudanças, a universidade, as oportunidades que deixou passar, os amores perdidos, as rosas murchadas no seu coração, como aquele amor noutra continente que se rompeu no mesmo instante em que ele deixou cair um copo no chão.

Então com infinita raiva, o homem deu pontapés na areia, criando uma nuvem ao seu redor, e dava pontapés chorando e gritando de impotência “Estou só, e nunca quis está-lo”, assim ele gritava, e se alguém de longe tinha a sorte de contemplar a cena sem ouvir a musica da tragédia, teria rido de bom coração de tanto absurdo, uma casa branca de dois andares de onde saia uma tênue luz, e na frente, à beira mar, um homem velho, baixo e quase calvo chorando e gritando como uma criança caprichosa a quem tivessem tirado os brinquedos, isso não é um comportamento respeitável, isso não se faz, sobretudo um homem idoso, à sua idade qualquer tem dignidade.

“Falta pouco para o amanhecer”, disse outra vez o homem, já cansado de sofrer por aquilo que não podia mudar, sentou-se com o cigarro consumido pela metade, e com os olhos vermelhos de tanto chorar olhou a claridade nascente do céu.

Com muito esforço construiu essa casa à beira mar, era uma casa para ela, para a mulher que nunca veio, que preferiu outra vida que a que ele lhe ofereceu. “Foi numa noite clara de outono quando a conheci, quantas vezes lhe disse que não buscava nada e a vi, quantas loucuras por ela, quantos versos de amor que só existem na minha lembrança, na minha saudade furiosa e sem fim!”. Lembrou-se das noites de paixão, dos seus olhos de esmeralda cinzenta, do seu riso, da sua súplica quando ela partiu.

Valeu a pena? Valeu a pena viver, seguir esse caminho e não outro, ter escolhido um emprego ambicioso, ter pisado os outros para ele estar acima? Acaso agiu livremente? Como usou a sua liberdade? E ao final o que é que é a liberdade se só descobrimos a que tínhamos quando já a perdemos? Como um relâmpago passaram pela sua mente todas as coisas que não fez por fazer o que se esperava dele, o piano atávico que há séculos repousava noutra país, as guitarras sonhadas, os poemas escritos, as viagens perdidas no fervor da ambição, e como uma avalanche de remordimento caiu o tempo sobre ele embora foi ele mesmo que a causou. Nunca fiz da liberdade o único que os homens podem fazer dela: conhecer-se a si mesmos sem vacilar. Nesse momento o homem viu-se no espelho da passagem do tempo, e a dor arrasou as suas entranhas devastando a raiva e o desespero de não poder viver mais. As imagens do passado desvaneceram-se no ar, voando como o fumo do cigarro consumido, rumo onde ficaram Lisboa e Paris, Praga e Madrid.

Voltou a casa, com a mente em silêncio e a doce dor do remordimento como único e último sentimento. Abriu tudo o que tinha fechado com raiva, abriu as persianas para que entrara o sol, as janelas e as portas para que entrara o ar, os armários e as gavetas, com a esperança que tudo aquilo que foi seu o levava o vento do esquecimento e da redenção. Entrou pela última vez no salão, viu os restos doutro tempo, antes da anarquia que desamparou a todos quando explodiu a guerra, quando as centrais nucleares funcionavam, a água corrente decorria, quando o telefone tocava, e tudo era um sonho que se podia comprar. Viu os quartos onde sonhou criar os meninos que nunca teve, viu a cozinha, e subiu ao seu quarto para ver a cama onde dormia há dez anos. Teve a tentação de se deitar a dormir pela última vez, mas para quê, se nunca mais acordaria? Pesquisou nalgumas gavetas e encontrou a corrente de ouro branco que lhe deu a sua avó quando ainda era criança e engoliu-a.

“Já vai amanhecer”, disse outra vez o homem, pegando também um fuzil obsoleto e coberto de pó que jazia num canto do seu quarto. Fez um jeitinho de tristeza e saiu por última vez da casa aberta.

Sentou-se na praia, frente ao mar. Já não haviam estrelas no céu, só o clarão dum amanhecer iminente. Viu então pequenos pontos pretos no horizonte. Eram pequenas embarcações ameaçadoras e escuras. Depois de ter ficado assim uns minutos, esperando alguma coisa, a mente vazia e as mãos apertando o fuzil, sentiu uma luz acariciar os seus olhos. Abriu-os e viu uma pequenina bola de fogo longe acima do mar. Era o sol saindo uma vez mais sobre esta terra, e os seus raios iluminaram o rosto sujo do homem, e ele abriu a boca, como tentando engoli-los, e sentiu-se em paz, satisfeito pelo calor duma estrela. “Que lindo é o amanhecer, nunca imaginei que o fosse tanto, quando pude, nunca saí para vê-lo” ficou sonhando para si mesmo. Depois de ver aproximar-se as embarcações com dezenas de figuras estranhas acima, o homem deixou cair o fuzil na areia, era inútil defender o que já tinha perdido.

Quando acostaram, ele ajoelhou-se, fechou os olhos empapados de sal e juntou as mãos num gesto de plegaria, parecia que fazia uma oração, essa que nunca fez, a última súplica de salvação antes de cair no esquecimento do mar,

onde todos iremos cair algum dia. Mas ele não viu o sol reflectir-se nas espadas desembainhadas dos invasores. Já não estava só.